Cenas musicais portuguesas em perspectiva:
é punk rock em Portugal!

LUCAS MARCELO TOMAZ DE SOUZA[*]

Portuguese music scenes in perspective: it's punk rock in Portugal!

GUERRA, Paula. *Instável Leveza do Rock*. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo Português (1980-2010). Edições Afrontamento, 2013.

Em 2014, a subsidiária portuguesa da Fnac – uma das maiores distribuidoras europeias de produtos culturais e de lazer – deu destaque para o lançamento do livro *A Instável Leveza do Rock. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo Português,* publicado pela editora Afrontamento. De autoria de Paula Guerra, professora auxiliar e Doutora em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o livro representa um momento emblemático para os estudos da "música popular" no país. Seu objetivo parece, à primeira vista, simples: compreender a constituição do campo do rock alternativo português. Mas, essa afirmativa, um tanto quanto sintética, carrega desde já três problemas conceituais nada fáceis de se resolver: o que é o "campo do rock"? O que é "rock alternativo"? E, claro, o que é o "rock português"? A forma como a autora se confronta com essas questões faz do livro *A Instável Leveza do Rock,* realmente, uma referência no campo de estudos da música pop. Primeiramente, Paula Guerra não se furta da complexidade teórica que envolve esses conceitos, ao manobrar autores de diferentes "escolas de pensamento", capazes de auxiliá-la na reflexão dessas questões. Partindo

[*] **Lucas Marcelo Tomaz de Souza** possui mestrado em Sociologia da Cultura, pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente, cursa o doutorado em Sociologia, na Universidade de São Paulo. Estendeu seus estudos em um Doutorado Sanduiche na Universidade do Porto, em Portugal, com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. É autor do livro *A Trajetória Social de Raul Seixas: uma metamorfose ambulante no rock brasileiro* (Editora Alameda, 2015). **E-mail:** lucas_marilia@yahoo.com.br

da teoria dos "campos" do sociólogo francês Pierre Bourdieu e passando pela ideia de "cena" construída pelos autores pós-subculturalistas de origem anglo-saxônica, seu trabalhado ainda se enriquece por uma série de outros autores que ressaltam as diversas dimensões de significados que envolvem o rock e a música pop no universo social – roupas, cortes de cabelo, espaços específicos de socialização etc.

Mas não é apenas por essa dimensão teórica que o livro *A Instável Leveza do Rock* apresenta-se como medular. O impressionante esforço de mapeamento do "campo do rock alternativo" se dá mediante a uma exaustiva pesquisa documental (fontes estatísticas, imprensa escrita, conteúdo áudio visual etc.), um exímio trabalho de campo (observação direta, fotografia social, diário de campo) e uma longa série de entrevistas e inquéritos (cerca de 200 entrevistas e mais de 5000 questionários realizados). E a sensibilidade da autora nessa pesquisa nos leva a um quadro claro, porém complexo, do "rock alternativo" português. Além de desvendar quem são os principais artistas que fazem "rock" em Portugal (sexo, faixa etária, profissão, nível de renda e escolaridade), sua pesquisa avança sobre todo o espaço social em que transita esse "rock alternativo" (editoras e lojas de discos, espaços, instâncias de divulgação e legitimação, promoters, divulgadores, blogueiros e jornalistas).

É no entroncamento dessa vastidão de fontes que se desenha a riqueza da pesquisa de Paula Guerra. Primeiramente, a autora não permite que a definição – ou definições – de "rock alternativo" fique por conta, apenas, dos teóricos e pensadores por ela manejados. Borbulham em todas as partes do livro as diferentes ideias que os agentes por ela entrevistos fazem do "rock alternativo" português. As conclusões que daí emanam deixam evidentes a complexidade das questões. Vai dizer ela: "as fronteiras entre o alternativo e o *mainstream* são cada vez mais tênues e dotadas de forte vulnerabilidade". E o circuito por onde o rock é produzido, divulgado, vendido e analisado tem também papel importante no imaginário daqueles que tentam definir o "rock alternativo" português. É emblemático o depoimento de um dos blogueiros entrevistados por Paulo Guerra ao dizer: "música alternativa é aquela que tu vais conseguir descobrir por ti, em blogs, em sites e até alguma imprensa especializada, dedicada a coisas não convencionais, tudo o que é música não catalogada". Isso deixa evidente que procurar a definição de um "rock alternativo"

apenas nos parâmetros estéticos torna-se um esforço um tanto quando manco. Apresentar-se para um determinado público, gravar por determinados selos, divulgar-se por determinados blogs é, além de um trajeto particular, um importante mecanismo simbólico de caracterização do que é ou não "alternativo".

E talvez seja curioso notar como a reconstrução histórica que Paula Guerra faz do "rock alternativo" português, entre meados dos anos 1980 até os dias atuais, transpira fortes momentos autobiográficos. Não só por ser uma autora que se viu demasiadamente envolvida com essa cena artística, mas também pelas dificuldades encontradas por ela em sua trajetória acadêmica. O esforço quase hercúleo de Paula Guerra em tentar detectar com precisão os circuitos sociais por onde transita o "rock alternativo" e as dimensões simbólicas que o definem tem suas raízes na busca por legitimidade e afirmação do seu objeto de pesquisa no campo acadêmico português.

Sufocada na mais longeva ditadura empreendida em solo europeu, a sociedade portuguesa se viu, entre 1926 e 1974 (período que perdurou o governo de António de Oliveira Salazar), fechada ao restante do mundo. Manifestações culturais de nível internacional chegavam muito sorrateiramente ao país. A abertura empreendia após 25 de abril de 1974 – o mítico dia da queda de Salazar – promoveu uma invasão cultural tão intensa quanto conflituosa. O movimento Punk e sua ideologia *do it your self* entram em terras lusas, no fim dos anos 70, inspirando a formação de uma série de bandas, editoras, imprensa especializada e circuito de concertos. Mas os enfrentamentos com as tradições musicais locais foram inúmeros e a afirmação do "rock" como gênero de relevância na vida cultural portuguesa ainda demoraria mais algum tempo. Evidentemente, esses anos de estrangulamento cultural iriam se refletir também sobre o campo acadêmico português. A legitimidade do rock como uma manifestação juvenil, digna de pesquisa, está em vias de formação e, com certeza, *A Instável Leveza do Rock* caminha para se tornar um marco nessa conquista.

A chegada desse livro, e dos demais trabalhos de Paula Guerra, ao Brasil, pode – e deve – fermentar um campo de estudos acadêmicos. As pesquisas sobre rock no Brasil ainda engatinham e custam a encontram uma metodologia dentro das ciências sociais que abarque toda a riqueza que o gênero implica. Nesse sentido, a

leitura de *A Instável Leveza do Rock. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo Português* assume importância considerável, não apenas para o conhecimento da afirmação do "rock alternativo" em uma cena cultural estrangeira, mas também como exemplar de métodos e técnicas de pesquisa de análise do "rock".